

VAQUEIRO: REPRESENTAÇÕES, VISÕES E ESTEREOTIPIAS

Niedia Mariano Nunes

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia

RESUMO: O objetivo deste ensaio é abordar como foi construído a proposta de divulgação e inculcamento de uma concepção de nação, povo e identidade que sedimentou aspectos que ainda hoje se apresentam como meios de compreender o real. Para isso, a intenção é analisar de que maneira o sertão e o vaqueiro foram abordados por Euclides da Cunha, e por outros escritores elencando sobre determinadas visões que estão enraizadas no discurso e no imaginário, os quais se pautam na exclusão, preconceito e subserviência, bem como discutir algumas imagens referentes à temática.

Palavras-chave: Nação. Vaqueiro. Imagem.

ABSTRACT: The objective of this essay is to address how the proposal for the dissemination and inculcation of a conception of nation, people and identity was constructed, which sedimented aspects that are still presented today as means of understanding reality. For this, the intention is to analyze how the sertão and the cowboy were heard by Euclides da Cunha, and by other writers, listing certain views that are rooted in discourse and in the imaginary, which are based on exclusion, prejudice and subservience, as well as discuss some images related to the theme.

Keywords: Nation. Cowboy. Image.

NUNES, Niedia Mariano. Vaqueiro: representações, visões e estereotípias. **Rev. Cient. Novas Configur. Dialog. Plur.** Luziânia - GO, v. 3, n. 4, p. 01-18, 2022

Fonte de financiamento: Própria
Conflito de interesse: Não
E-mail do autor-correspondência: ny.marianonunes@hotmail.com
Data de recebido: 22/12/2022
Data de aprovado: 31/12/2022
Editor: Marcelo Máximo Purificação.



<LicensePara>: Tipo de licença. Caso não utilize a licença CC-BY, será necessário alterar o selo ao lado.



INTRODUÇÃO

Busca-se apresentar de forma breve como se propagou a imagem do vaqueiro especialmente por autores como Euclides da Cunha e Percy Lau, estendendo-se brevemente a Oliveira Vianna e Capistrano de Abreu. Inicialmente, abordaremos sobre o projeto de formação identitária e de uma concepção de nação por estarem intimamente relacionadas ao contexto das representações literárias e imagéticas, em seguida, será elencadas algumas visões de Euclides da Cunha¹, referente ao seu livro, *Os Sertões*, para elucidar questões sobre o sertão, seus habitantes, (restringindo basicamente em sertanejo e vaqueiro) e o espaço geográfico.

Para pontuar, foi por meio da pecuária, mais especificamente da criação de gado que possibilitou a efetivação da colonização no sertão, a circulação e movimentação de um produto lucrativo, pois muito que se criava nos sertões tinham a finalidade de atender um mercado consumidor, o qual “transferia os excedentes da produção de alimentos, por intermédio das feiras e das fazendas de gado” (NEVES, 2008, p. 192). Com a prática da pecuária, se tornou indispensável uma figura no sertão: a do vaqueiro. Facilmente distinguível dentre os outros trabalhadores pela sua indumentária, seja pela calça, esporas ou relho, sempre portando pelo menos uma das peças ou vestes de couro, e para complemento, gibão, jaleco ou peitoral, calças, perneiras, luvas e chapéu. A este trabalhador competia a lida com o gado, como definiu Luís Câmara Cascudo, no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, o vaqueiro é o “pastor de gado, guarda das vacas, pastor dos bezerros, figura central do ciclo pastoril” (CASCUDO, 1999, p. 900.). É nesse personagem do sertão nordestino que abordaremos neste artigo.

Analisar sobre como se projetou a ideia de nação requer considerar todo o contexto envolvido pelas esferas institucionais, intelectuais, visões, realidade do país versus a

¹ Biografia: Euclides da Cunha “nasceu em 20 de janeiro de 1886 em Cantagalo, Rio de Janeiro. Ingressou em 1886, na Escola Militar da Praia Vermelha. Foi expulso dois anos depois, por ato de protesto durante visita do então ministro da Guerra, Conselheiro Tomás Coelho. Retornou em 1889, à escola, depois da Proclamação da República. Desligou-se do exército em 1896 para dedicar-se à engenharia. Colaborou em diversos jornais, foi convidado pelo jornal O Estado de S. Paulo para ser correspondente em Canudos. Lá escreveu reportagens, de 7 de agosto a 1º. de outubro de 1897. Somente 5 anos depois publicou *Os Sertões*. Foi eleito em 1903 para a Academia Brasileira de Letras e nesse mesmo ano e nesse mesmo ano tomou posse no Instituto Histórico e Geográfico” (GALVÃO, 1985, [s.p]).



idealizada e divulgada ao longo dessas construções sobre nacionalidade. Mais importante talvez, é pensar que tal projeto se consolidou ao longo do tempo e serviu como base para maquiagem toda uma diversidade existente no Brasil, marcando assim uma história de silenciamentos, estereótipos, exclusão e deturpações, os quais ainda temos resquícios até os dias atuais.

Como sinaliza Alberto Manguel, ao dar exemplo sobre pintura enxergamos como algo “definido por seu contexto; podemos saber algo sobre o pintor e sobre o seu mundo; podemos ter alguma ideia das influências que moldaram sua visão; se tivermos consciência do anacronismo, podemos ter o cuidado de não traduzir essa visão pela a nossa”, entretanto, ao citar Bacon, Manguel (2001, p. 27) defende que, “só podemos ver aquilo que, em algum feitio ou forma, nós já vimos antes”, assim, só podemos “ver as coisas para as quais já possuímos imagens identificáveis, assim como só podemos ler em uma língua cuja sintaxe, gramática e vocabulário já conhecemos (MANGUEL, 2001, p. 27).

Nesse sentido, tratar dessas concepções implica discutir sobre as “construções historiográficas e identitárias brasileiras” implica em:

Pensar o Brasil em sua constituição como nação, isto é, a partir do momento em que o país deixa de ser colônia de Portugal para se tornar uma nação independente. É nesse contexto que a elite política e intelectual da época começou a discutir os fundamentos de uma identidade nacional e, desse modo, os discursos sobre identidade começaram a se impor, nitidamente, no cenário brasileiro (GANZER, [s.d], p.1).

Entretanto, ao traçar esse caminho de construção, os intelectuais da época se depararam com o problema de modelo de narrativa em solucionar o que era disperso, e isso se daria por meio de “uma estratégia de convencimento que pretendia superar a impossibilidade de utilização de um modelo eurocêntrico e homogêneo para explicar a brasilidade” (KHALED JUNIOR, 2010, p. 13), isto porque, ao se utilizarem de tal modelo, os historiadores se deparavam com “o paradoxo da diversidade nacional, problema este que foi enfrentado diretamente por Martius: como explicar a unidade nacional a partir de tantas diferenças?” (KHALED JUNIOR, 2010, p. 13).

Desde o propósito de se construir uma ideia de Nação, uma das grandes



preocupações recaía no impasse de como escrever uma história para o Brasil sendo que não se tinha uma unidade nacional, ao contrário, tudo que se tinha era manifestações fragmentadas, regionais. Em suma, o “pouco que havia de identificação, era, sobretudo, regional” (KHALED JUNIOR, 2010, p. 25), justamente a identificação que teria que ser combatida no século XIX para “estimular o sentimento nacional. Mas o que havia era identidade local no Brasil colônia, mas não nacional, a identificação era, sobretudo, regional, ou então, com Portugal” (KHALED JUNIOR, 2010, p. 25). Ancorados no “cientificismo e o culto à ciência em fortalecimento no Brasil a partir da segunda metade do século XIX” (BERND, 2003, p. 57), conjuntamente com a divulgação de teorias científicas “europeias (Taine, Darwin, Comte, Gobineau, etc.), funciona num sentido de fornecer a escritores como Euclides da Cunha e Sílvio Romero, por exemplo, a garantia de verdade às teses que sustentam” (BERND, 2003, p. 57). Teorias estas baseadas na desigualdade das raças que sendo respaldadas pela ciência “vão sustentar o projeto de construção da identidade nacional, fornecendo sustentação ‘científica’ a ideologias racistas e políticas de discriminação racial cujos resquícios subsistem, no Brasil, até hoje” (BERND, 2003, p. 57).

É importante repensar sobre essas propagações, pois concebemos nossas narrativas através “de ecos de outras narrativas, por meio de ilusão do autorreflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho” (MANGUEL, 2001, p. 28).

Outro ponto a considerar diz respeito à época de construção das imagens da nação, e nela caracteristicamente há um “gesto de mapear os tipos sociais no trabalho, na sua maneira de viver, trabalhar, se alimentar e transformar as paisagens. O conhecimento do território humanizado, da etnologia, da natureza psicológica dos tipos, da mistura de raças, da ligação tipo e lugar” (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2005, p. 30). Em se tratando da territorialização das identidades que compõem o conjunto de “regiões da nação, explica a série, dentro da linha descritiva vidaliana: solo-cultura-ocupação dos lugares-habitacões-traços psicológicos” (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2005, p. 30), posteriormente, deteremos nesses contextos e representações.



O SERTÃO NA VISÃO DE EUCLIDES DA CUNHA: NOTAS SOBRE O SERTANEJO E O VAQUEIRO

Logo de início, na nota preliminar de Os Sertões, nos deparamos com o traçado do trabalho explicando que se intentou com a obra:

Esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazêmo-lo porque a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tomam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra (CUNHA, 1984, p. 1).

Nota-se uma visão pautada na superioridade e civilização que está presente desde os escritos de Martius, de acordo com Schwarcz (1996, p. 81), o mesmo teria afirmado que "permanecendo em grau inferior da humanidade, moralmente, ainda na infância, a civilização não altera o primitivo, nenhum exemplo o excita e nada o impulsiona para um nobre desenvolvimento progressivo".

Partindo desse pensamento, os habitantes do sertão são apresentados por Cunha como resultantes dos “primeiros efeitos de variados cruzamentos, destinavam-se talvez à formação dos princípios imediatos de uma grande raça” (CUNHA, 1984, p. 1). Entretanto, acrescenta que “faltou-lhes, porém, uma situação de parada, o equilíbrio, que lhes não permite mais a velocidade adquirida pela marcha dos povos neste século. Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo” (CUNHA, 1984, p. 1). Euclides da Cunha explica que o sertanejo teria adquirido do “selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente”, entretanto seria “um retrógrado; não um degenerado” (CUNHA, 1984, p. 49).

Segundo Zilá Bernd (2003, p. 56), incluindo-se na denominada fase da ideologia do caráter nacional, Euclides da Cunha “aceita as teorias raciais alicerçadas na existência de raças ‘inferiores’ e ‘superiores, caindo na armadilha de explicar o atraso do Brasil pelo determinismo geográfico e pela presença de raças inferiores”. Deixando de se considerar



que o atraso aqui “tende a encobrir as reais causas de nossa situação do ‘atraso’: o subdesenvolvimento, atribuindo- o a fatores climáticos e raciais. A autora lembra que Cunha, de certa forma retoma o projeto alencariano de explicar o Brasil e sua caminhada em busca de identidade. Em que pesem “os equívocos que comete em relação à conceituação de raça, equívocos esses em sua maioria devidos à influência de seu mestre, o antropólogo, Nina Rodrigues” (BERND, 2003, p. 55).

Partindo para a paisagem do sertão, ao descreve-la, Cunha (1984, p. 24) destaca que:

Têm a força centrífuga do deserto: repelem; desunem; dispersam. Não se podem ligar a humanidade pelo vínculo nupcial do sulco dos arados. São um isolador étnico como as cordilheiras e o mar, ou as estepes da Mongólia, varejadas, em corridas doidas, pelas catervas turbulentas dos tártaros errabundos.

Acrescenta ainda, que o vaqueiro é inconstante como ela e é natural que o seja, pois viver é adaptar-se. Ela talhou-o à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto. Nessa visão, referente aos habitantes do sertão, “o ‘homem’ sertanejo de Euclides, embora etnicamente misturado, constitui- se longe do litoral, distanciado das circunstâncias históricas e de determinadas exigências que poderiam ter desvirtuado sua formação” (BERND, 1983, p. 59-60).

A visão sobre o sertão é destacada enquanto uma parte isolada, sem nenhuma relação com o restante do país, por ficarem ali inteiramente separados do resto do Brasil e do mundo, “murados a leste pela serra Geral, tolhidos no ocidente pelos amplos campos gerais, que se desatam para o Piauí e que ainda hoje o sertanejo acredita sem fins” (CUNHA, 1984, p. 44). Como sinalizou Manguel (2001, p. 25), a narrativa pode “ser transmitida por outros meios: mediante ‘simbolismos, poses dramáticas, alusões à literatura, títulos’ – ou seja, por meio daquilo que o espectador, por outras fontes, sabia estar ocorrendo”.

Como mencionou Odalia (1997, p. 131), independente do período histórico que seja analisado a história brasileira, sempre encontraremos “a presença do clã e a do homem rural como elementos centrais de nossas atividades políticas ou econômicas” é justamente no homem “do campo que se devem buscar os atributos constitutivos da



nacionalidade, pois nele encontramos o ‘timbre, a pureza e a têmpera primitivos’”, visão esta que Cunha a todo momento ressaltava.

Ao traçar a tríade: o bandeirante, o jesuíta e o vaqueiro, Cunha exemplifica que estes “bateram-lhe por igual as margens”. Acredita que futuramente com a inserção de documentos seja possível que “o último, de todo olvidado ainda, avulte com o destaque que merece na formação da nossa gente”. Caracterizando assim o vaqueiro como “bravo e destemeroso como o primeiro, resignado e tenaz como o segundo, tinha a vantagem de um atributo supletivo que faltou a ambos — a fixação ao solo”, embora a primeira vista pareça um grande elogio, se faz necessário atentar-se para as comparações, é como se as características que o autor atribui ao vaqueiro somente pode ser feita como resultante de outras categorias (CUNHA, 1984, p. 43).

Apesar da frase icônica: “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, Cunha observa a sua aparência a partir de um modelo pré-estabelecido ao dizer que, ao sertanejo é tipicamente:

Desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofria o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo — cai é o termo — de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável (CUNHA, 1984, p.51).

É o homem permanentemente “fatigado”, reflete a “preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude” (CUNHA, 1984, p.51). Apesar de toda esta “aparência de cansaço ilude, nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso”, pois, “basta o



aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se”, e:

Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias (CUNHA, 1984, p. 51).

Posto quase que simultaneamente a uma espécie de figura “mítica”, o vaqueiro agora, é apresentado em alusão a um herói, pois, quando em atividade seu “aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega”. Descreve que suas “vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda” [...] como se fosse de “forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo” (CUNHA, 1984, p. 53). De modo que, é “impossível idear-se cavaleiro mais chucro e deselegante; sem posição, pernas coladas ao bojo da montaria, tronco pendido para a frente e oscilando à feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rápidos como poucos” (CUNHA, 1984, p. 51).

Entretanto, se em serviço vaqueiral alguma rês toma o caminho diferente e envereda pela “caatinga garranchenta, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria” o vaqueiro parte “como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas. Vimo-lo neste steeple-chase bárbaro” (CUNHA, 1984, p. 51).

Em diferentes produções realizadas ao longo do tempo por literatos, memorialistas, folcloristas, músicos, cordelistas, repentistas entre outros, a figura do vaqueiro foi representada, e quase sempre caracterizada pela sua coragem e destreza, como também hombridade, muitas vezes envolto em mistérios, encantos e braveza. A junção desses elementos norteou as bibliografias e contribuiu para reforçar tal visão desse trabalhador e de certo modo torná-la em verdade absoluta.

Bem como, a visão exaustivamente enfatizada do vaqueiro como uma figura heroica, permeada por construções estereotipadas de um herói ou guerreiro, quanto a dos



vaqueiros como “servos submissos”. Isso graças a um contrato pelo qual “recebem certa porcentagem dos produtos”, ficando assim, “anônimos, nascendo, vivendo e morrendo na mesma quadra de terra, e cuidando a vida inteira, fielmente, dos rebanhos que lhes não pertencem” construções muito propagada pela visão euclidiana. Essas visões se consolidaram ao longo dos anos e somente recentemente, a partir de estudos acadêmicos vem sendo desmistificada (NASCIMENTO, 2008, p. 54).

BREVE DISCUSSÃO: OLIVEIRA VIANNA E CAPISTRANO DE ABREU

Há algumas aproximações e diferenças entre Euclides da Cunha, Oliveira Vianna e Capistrano de Abreu. Bernd (2003, p. 56), explica, ao citar Moreira Leite (1983, p. 227), que há diferença na da teoria de Euclides da Cunha em relação à teoria de Sílvio Romero, pois:

A teoria euclidiana opõe-se à teoria do branqueamento de Sílvio Romero: o sertanejo poderia constituir a raça brasileira, pois ‘o isolamento permitiu a formação de uma raça superior às encontradas no litoral’. Evidentemente há aí um flagrante paradoxo – e talvez nele resida a grandeza da obra e a torne um objeto literário e não científico -: se Euclides aceita as hipóteses de raça e meio como fatores determinantes de uma sociedade, como explicar que seria no Nordeste, onde o clima é inclemente, que surgiria a ‘raça superior’?

Já na leitura de Oliveira Vianna, diferentemente da de Capistrano de Abreu:

O espaço não tem senão uma única dimensão: sua extensão, sua extraordinária extensão, sua extraordinária latitude, como gostava de dizer, tendente a ampliar-se cada vez mais pela ação de aventureiros, sertanejos, vaqueiros ou bandeirantes, que são formidáveis; outra expressão freqüente na pena desse historiador, rompedores de limites e que vão deixando atrás de si um espaço cada vez maior e mais deserto. A ação desses homens de desbravamento e de conquistas de terra significa, ao mesmo tempo, paradoxalmente, a criação de vazios imensos, de desertos, aqui e ali, demarcados pelas pequenas vilas, se é que assim se podem denominar suas pousadas e suas paradas (ODALIA, 1997, p. 126).

A particularidade capistraniana não se limitava apenas no reconhecimento da obviedade quanto a diversidade étnica, “nascida de três raças diferentes e de seus cruzamentos”. Mas na quebra do até então consenso unânime em torno da necessidade de se enfatizar uma presumível “unidade colonial, no que tange a uma unidade tanto



territorial quanto racial e mesmo política, se faz em Capistrano, por intermédio de uma leitura bastante original do nosso espaço físico- geográfico” (ODALIA, 1997, p. 123).

Tido como herdeiro dos intelectuais do IHGB, Oliveira Vianna, estava preocupado com a definição da formação social do Brasil, defendeu como principal pressuposto a “superioridade do elemento branco sobre os elementos indígena e negro”, com o intuito de construir uma noção de progresso, tendo como “modelo as nações europeias, denotando uma forte influência do chamado racismo científico do século XIX em suas propostas”. Descreveu, em seus escritos, os tipos brasileiros – sertanejo, matuto e o gaúcho – utilizados até nossos dias como estereótipos em várias expressões artísticas e até nos meios intelectuais. “A influência do positivismo fica patente nas análises do autor sobre a formação da diversidade humana e as leis de desenvolvimento social influenciadas pelo clima” (VIEIRA FILHO, 2009, p. 25).

REPRESENTAÇÕES SOBRE O VAQUEIRO NA IMAGEM

De acordo com Vilém Flusser, imagens “são superfícies que pretendem representar algo”. De forma abrangente seria o “resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaço-temporais, para que se conservem apenas as dimensões do plano”, e sua origem se deve graças à “capacidade de abstração específica que podemos chamar de imaginação”. Entretanto, o autor alerta que a imaginação tem dois aspectos a serem considerados, pois se de um lado, possibilita “abstrair duas dimensões dos fenômenos, de outro permite reconstituir as duas dimensões abstraídas da imagem”. Significando, portanto, que imaginação “é a capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões em símbolos planos e decodificar as mensagens assim codificadas” (FLUSSER, 1985, p. 7).

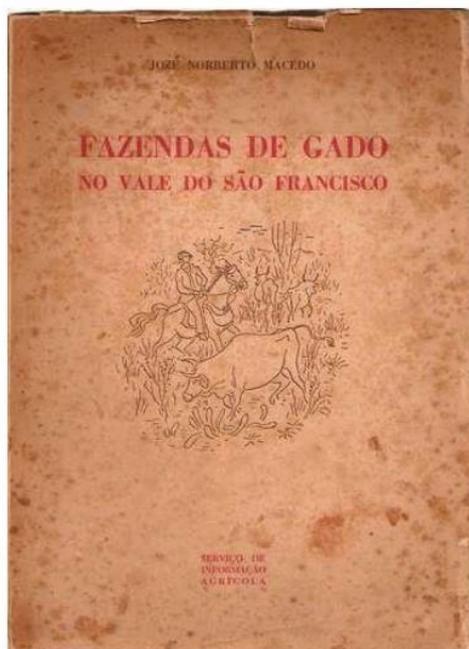
Renan Martins Pereira, em sua dissertação: Rastros e memórias etnografia dos vaqueiros do sertão (Floresta – PE), apresenta uma análise importante, na qual diz respeito ao modo como tanto a “literatura quanto os sertanejos (as) reificam uma espécie de vaqueiro simbólico ou representativo que dá sentido à história nacional (para o saber oficial) e também à tradição sertaneja ou à história de Floresta (para o saber local)”, este último foi o local de objeto de sua pesquisa. Se considerarmos que “imagens são



mediações entre homem e mundo. O homem ‘existe’, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo” (FLUSSER, 1985, p. 7). É nessas perspectivas que focaremos a partir de agora com apresentação de algumas imagens propagadas inerentes ao vaqueiro.

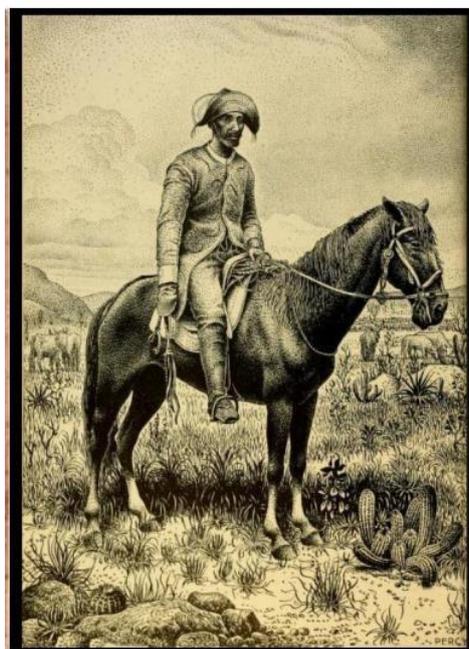
Retomando o pensamento de Renan Pereira que ao analisar imagens sobre o vaqueiro nordestino considerou que há dois aspectos que representam o recorte temporal de cada um dos discursos, de um lado, “a literatura desenhando os sentidos do Estado-nação, de sua história e do seu desenvolvimento, e, de outro, os florestanos refletindo a respeito de sua própria tradição, cruzando-a por diversas vezes com o próprio discurso oficial” (PEREIRA, 2017, p. 93). Segundo o autor, esses dois lados podem ser ilustrados brevemente nas imagens a seguir:

Imagem 1 - Capa do livro Fazendas de Gado no Vale do São Francisco



Fonte: PEREIRA, Renan Martins. *Rastros e memórias etnografia dos vaqueiros do sertão (Floresta – PE)*. Dissertação, 2017, p. 94.

Imagem 2 - Vaqueiro do Nordeste



Fonte: PEREIRA, Renan Martins. *Rastros e memórias etnografia dos vaqueiros do sertão (Floresta – PE)*. Dissertação, 2017, p. 94.

A imagem 1 é a capa de um livro de José Norberto Macedo de 1952, como o próprio título já indica, fala das “fazendas de gado no Vale do São Francisco. A outra, ao lado direito, é o vaqueiro contido no livro (IBGE, 1956) no qual o homem ali representado



era o vaqueiro de ‘verdade’” (PEREIRA, 2017, p. 94). Renan Pereira (2017, 94) acrescenta que:

Na primeira imagem, é interessante notar que, ao tratar-se da pecuária nordestina (tema abrangente que envolve uma série de questões, personagens e contextos), a representação imediata para a capa seja exatamente a do cavaleiro que, na caatinga, lida com o gado – tal a importância desse recorte imagético para estancar a história de fazendas, boiadeiros e vaqueiros. Na imagem à direita, mais uma vez, é o próprio: o vaqueiro tradicional, original e autêntico que Nilda Ferraz concluiu ser um dos símbolos de sua tradição.

Se considerarmos que “as imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias” (Alberto Manguel, 2001, p. 21), ao analisá-las, devemos pontuar seus contextos, símbolos e signos. Vale lembrar que o período dessas produções literárias fazia parte do projeto nacional de consolidar “construções identitárias com o propósito de enfatizar as particularidades da relação homem/ambiente/região”. No qual se procurava ainda descrever os tipos dos aspectos regionais com o “esforço de legitimação, de fixação da realidade viva, de reconhecimento das identidades regionalizadas na dureza do trabalho e precariedade do meio ambiente” (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2005, p. 42). Tais características são marcantes também na produção das representações de Percy Lau, logo abaixo.



Imagem 3 - Vaqueiro do Nordeste



Fonte: Os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.13. n.2. jul.- dez. 2005, p. 40.

Retomando a análise que fez Euclides da Cunha da formação social do baixo São Francisco, a qual já foi mencionada anteriormente, também é consoante a isso, pois ele definiu os três personagens centrais dessa história: o bandeirante, o jesuíta e o vaqueiro, sendo que este último “bravo e destemeroso como o primeiro, resignado e tenaz como segundo, tinha a vantagem de um atributo que faltou a ambos – a fixação ao solo” (CUNHA, 1984, p. 55).

Como especifica Washington Queiroz, nas levadas e movimentações da boiada, o vaqueiro se utiliza de um canto lamuriento com o qual busca se comunicar com o gado "é o aboio, uma marca da cultura vaqueira que é eivada de melancolia e um traço marcante



na musicalidade do povo sertanejo" (QUEIROZ, 2013, p. 43). Áureo Ribeiro nos dá uma definição mais ampla do papel do boiadeiro que conjuntamente com vaqueiros, tropeiros, viajantes comerciais, peões, todos personagens que lidaram com estradas e animais. O boiadeiro e sua equipe, “formada por passadores e peões; peões de boiadeiros, que faziam movimento e fama da boiada, criaram técnica e folclore da boiadas, porque seu ofício, como o do vaqueiro, exigia especialistas. Cada posição em serviço tinha seu segredo e função: guia, contador, contraguia, coice, arribada, cozinha e tralha, tarefas bem definidas na arte de conduzir” (RIBEIRO, 1998, p. 176). Abaixo, o desenho de Percy Lau expõe uma certa noção dos componentes dessas viagens:

Imagem 4 - Boiadeiro e tropa



Fonte: ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. Os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.13. n.2. jul.- dez. 2005, p. 40.

A obra *Tipos e aspectos do Brasil* da qual estão presentes as imagens de Percy Lau, são pequenos textos acompanhados cada um de uma imagem desenhada, que começam a circular em 1939, em seção da *Revista Brasileira de Geografia* criada em 1938 e publicada pelo Conselho Nacional de Geografia (CNG) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), essas duas instituições nascem no final da década de 1930. Tal época é marcada por uma “política cultural nacionalista que une a história e a



geografia num élan de conhecimento do país, inscrito em um movimento de idéias pela formação da ‘consciência nacional’ em vários campos da cultura, educação e ciências sociais”. Mais uma vez ressalta-se que o “caminho escolhido pelo poder político para criar uma nação era o reforço do espírito nacional, materializado na unidade do território, em que os geógrafos e a geografia assumiram um papel de destaque” (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2005, p. 24).

Os desenhos de Percy Lau² fazem parte de uma visão iconográfica do Brasil, essa expressão é de Alceu Amoroso Lima contida no prefácio do livro de fotos de Antoine Bon, Marcel Gautherot e Pierre Verger, Brésil, citado na Introdução do dossiê, de “tipos e cenas emblemáticas, na linha de uma imagerie regionalista ancorada na paisagem, imagerie que se constitui na longa duração em circuitos que passam pelo Estado, intelectuais, artistas, viajantes” (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2005, p. 27). É preciso levar em conta que no caso das imagens tradicionais, “é fácil verificar que se trata de símbolos: há um agente humano (pintor, desenhista) que se coloca entre elas e seu significado. Este agente humano elabora símbolos ‘em sua cabeça’, transfere-os para a mão munida de pincel, e de lá, para a superfície da imagem” (FLUSSER, 1985, p. 10-11), certamente por isso se faz tão importante considerar todos esses elementos ao se analisar uma imagem.

Ainda segundo Flusser (1985, p. 7), o caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão de suas mensagens, de modo que, imagens são “códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas”, o que não significa dizer que as imagens “eternizem eventos; elas substituem eventos por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, própria a toda mediação, e nela se manifesta de forma incomparável”. Sendo assim, as imagens não devem ser encaradas como uma totalidade, mas como fragmentos, envoltas em códigos, símbolos e contextos.

² Percy Lau, cujo pai era inglês, nasceu no Peru em 1903, mas passou a maior parte de sua vida no Brasil, onde fez carreira como desenhista e ilustrador. Em Pernambuco desde 1921 e participa do Grupo dos Independentes, organizando em 1932, com Augusto Rodrigues, o Ateliê de Artes Plásticas; no Rio de Janeiro integra em 1939 a equipe dos funcionários do IBGE. Malgrado sua mobilidade reduzida, viajou pelo Brasil a serviço do instituto, mas alguns de seus desenhos a bico-de-pena da série não são apenas fruto das viagens, tendo trabalhado também a partir de fotografias; freqüentou pintores como Portinari, Guinard, Djanira, além de Augusto Rodrigues, intérpretes como ele dos arquétipos brasileiros. Seria interessante aprofundar as relações entre seus desenhos e os produtos do meio artístico. E ainda, levantar os níveis da difusão de sua série nos manuais didáticos e em outros veículos (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2005, p. 27).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito da visão de Euclides da Cunha e de outros autores citados, contribuíram sistematicamente para a propagação e reafirmação da construção do vaqueiro nordestino a uma análise de exclusão, estereótipos e silenciado enquanto vida pessoal e enquanto detentor de opiniões próprias. Isto porque, essas visões estavam muito mais centradas em limitar e defini-lo apenas como o cuidador do gado do patrão, fazendo com que desconsiderasse as relações inerentes ao trabalho, às próprias questões de atuação e perspectivas desse trabalhador, enfim, propagou-se enquanto esse elemento simbólico e ilustrativo.

Embora seja importante os escritos dos memorialistas, se faz importante atentar sobre essa visão clássica dos autores que retrataram sobre os vaqueiros, pois cabe sinalizar que o principal apoio de sustentação das suas ideias eram extraídas de relatos de viajantes, e que muitas vezes podem ter sido analisados, ou somente descritos de forma superficial e equívoca, ao utilizarem-se apenas deles, não se conseguiu abordar, nem contemplar a complexidade do serviço vaqueiral e extensões inerentes à temática do vaqueiro.

A análise feita aqui sobre as imagens tratadas são poucas e centram-se em um determinado período da formação do Brasil, assim, cabe sinalizar que embora não tenha sido contemplado outros trabalhos mais recentes, existe o projeto como o do IPAC³ que apresentam imagens (fotografias) de vaqueiros de várias regiões da Bahia, também há trabalhos acadêmicos (a exemplo da dissertação de Alécio Gama dos Reis⁴), que embora não tenham como foco a discussão das imagens, a façam brevemente, dito isso, consideramos um pequeno avanço para com aquele que é considerado um símbolo especialmente para os sertões nordestino, cujo papel foi tão importante para a consolidação, adentramento e formação do Brasil, e que apesar disso, ainda é muito pouco trabalhado em pesquisas.

³ Cf: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA (IPAC). Ofício de vaqueiro. imp. rev. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013 (Cadernos do IPAC, 6).

⁴ REIS, Alécio Gama dos. O que farpa o boi farpa o homem: das memórias dos vaqueiros do campo sertão de Irecê (1943-1985). Feira de Santana, 2012. 363f.



Enfim, interessa muito ainda falar sobre a diversidade e complexidade do sertão e sobre o vaqueiro para discutir sobre estereótipos, silenciamentos e marginalidades perante a formação do Brasil, repensar lugares e visões. Para que assim, talvez, atenuem essa disparidade construída e promovida ao longo de todos esses anos da história brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.13. n.2. jul.- dez. 2005.
- BERND, Zilé. Literatura Nacional. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 1999.
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Três, 1984.
- FLUSSER, Vilem. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Os Sertões. Edição crítica. São Paulo – SP. Editora Brasiliene, 1985.
- GANZER, Nathália Nicácio. Carl Friedrich Phillip Von Martius: como as ideias de um alemão influenciaram as construções historiográficas e identitárias brasileiras. III Simpósio nacional discurso, identidade e sociedade (III SIDIS), Dilemas e desafios na contemporaneidade [s.d].
- KHALED JUNIOR, Salah H. Horizontes identitários: a construção da narrativa nacional brasileira pela historiografia do século XIX [recurso eletrônico] / Salah H. Khaled Jr. – Dados eletrônicos. –Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- MANGUEL, Alberto. O espectador comum: a imagem como narrativa. In Lendo imagens: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NASCIMENTO, Joana Medrado. Terra, laço e moirão: relações de trabalho e cultura política na pecuária (Geremoabo, 1880-1900). Campinas, SP: [s.n.], 2008.



NEVES, Erivaldo Fagundes. Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local). 2ª ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2008. 386p.

ODALIA, Nilo. As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiografia de Varnhagen e Oliveira Vianna. São Paulo: Fundação Editorada UNESP, 1997.

PEREIRA, Renan Martins. Rastros e memórias etnografia dos vaqueiros do sertão (Floresta – PE). Dissertação, 2017.

QUEIROZ, Washington. Cotidiano e o ofício de vaqueiro. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA (IPAC). Ofício de vaqueiro. imp. rev. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013, p. 41-44 (Cadernos do IPAC, 6).

RIBEIRO, Áureo Eduardo Magalhães. Vaqueiros, bois e boiadas – trabalho, negócio e cultura na pecuária do nordeste mineiro. Universidade Federal de Lavras. Estudos Sociedade e Agricultura, 10, abr. 1998.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX. Afro-Ásia, 18 (1996), 77-101.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. Os negros em Jacobina (Bahia) no século XIX. São Paulo: Annablume, 2009.

Informações sobre a autora: Doutoranda em História Social pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus IV, Jacobina (2018); 2ª Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Futura (2021). Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras - PPGEAFIN da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, campus XVI (2021)